

Iris Figueiredo

Céu  
sem  
estrelas

**SÉGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2018 by Iris Figueiredo

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

As citações originais utilizadas nesta edição foram retiradas de *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath (Trad. de Chico Mattoso. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014); *A cor púrpura*, de Alice Walker (Trad. de Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016); *Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962* (Trad. de Celso Nogueira. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2017).

*Grãfia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Malena Flores

IMAGENS DE MIOLO Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Figueiredo, Iris

Céu sem estrelas / Iris Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

ISBN 978-85-5534-069-7

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

18-15788

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*A todos aqueles que não conseguem enxergar as estrelas.*

*Já é duro o bastante tentar levar a vida sem ser maluco.*  
Alice Walker, *A cor púrpura*

# Prólogo

CECÍLIA

QUANDO EU ERA CRIANÇA, adorava ficar procurando fuscas azuis na rua.

Ai de quem estivesse distraído perto de mim — um soco no braço e pronto, voava para longe. Nunca soube dosar minha força muito bem.

Por um bom tempo, disseram que eu era forte. Não só por ter um ótimo gancho de direita, mas também porque ocupava espaço. Eu era grande e gorda, então as pessoas me chamavam de “fortinha”.

Eu não me sentia forte. Demorei muito tempo até encontrar minha própria força.

Parte 1



MARÇO

10

## 1.8 da Ceci Privado • Evento

Organizadores  
Iasmin Campanati  
Cecília Souza

Horário

🕒 20h30

Local

📍 Cuervo Bar e Restaurante

Aos 18 você já pode beber, dirigir e ser presa — não necessariamente nessa ordem! É hora de comemorar a maioridade da Cecília em grande estilo! Consumação + couvert por conta de cada um. Esperamos vocês!

3 comentáriosParticipe da discussão **Cecília Souza** • um dia atrás

Quero deixar claro que só estou fazendo isso por obrigação.

^ | v Responder • Compartilhar &gt;

**Iasmin Campanati** • um dia atrás

Você vai amar ser o centro das atenções por um dia.

^ | v Responder • Compartilhar &gt;

**Cecília Souza** • um dia atrás

Ainda não acredito que concordei com isso...

^ | v Responder • Compartilhar &gt;



Comparecerei

**CONFIRMARAM PRESENÇA**

Rachel Nakamura



Stephanie Rios



Juliano Silva



Pedro Souza

**NÃO COMPARECERÃO**

Bernardo Campanati

**INTERESSADOS**

Taís Souza

## CECÍLIA

NÃO DAVA PARA ACREDITAR NO QUE ESTAVA ACONTECENDO. Olhei em volta à procura de uma câmera escondida, qualquer sinal de que as últimas semanas tinham sido uma piada de mau gosto e que encarar a Marlene — ou Maléfica — era apenas o desfecho da grande pegadinha que minha vida se tornara. Mas era óbvio que não havia câmeras escondidas. Assim como todos os outros desastres recentes estrelados por mim mesma, a situação era real.

Só havia um motivo para ser convocado ao Calabouço, e todo mundo sabia disso. Chamávamos a salinha nos fundos da loja assim porque era apertada, claustrofóbica, e as pessoas recebiam sua sentença de morte lá. O pequeno escritório improvisado pela gerente ganhara esse nome muito antes de eu começar a trabalhar na *Papel & Letras*, uma livraria charmosa, porém atolada em dívidas, localizada no primeiro piso de um dos únicos shoppings da cidade.

A ansiedade me fez roer as unhas do polegar, uma mania péssima que havia adquirido ainda criança. Maléfica me olhava com reprovação, e me perguntei se meus maus hábitos figuravam na lista de motivos para estar sentada à sua frente, prestes a receber o pior presente de aniversário de todos os tempos.

Nos meses anteriores, minha vida parecia uma grande produ-

ção da Shonda Rhimes, com dramas, desgraças e reviravoltas para ninguém botar defeito.

*Preciso desse emprego, repetia para mim mesma. Ela é malvada, mas não chega a tanto. Ninguém demitiria uma funcionária no dia do aniversário.*

Mas ela não tinha recebido o apelido de Maléfica à toa.

O sorriso de Marlene era desconcertante, preso em seus lábios de forma artificial e levemente assustadora. Mais cedo naquele mesmo dia, ela havia me dado os parabéns. Eu nem imaginava que horas depois estaria sentada em sua sala, esperando que ordenasse que cortassem minha cabeça, no melhor estilo Rainha de Copas.

— Cecília, acho que você deve imaginar por que te chamei até aqui.

Àquela altura eu já não tinha mais unhas e mordiscava o sabugo. Minha aparência provavelmente estava pior que o normal, mas era demais para processar. Me fiz de desentendida, porque não queria assumir que sabia o motivo de ter sido chamada para um tête-à-tête.

Eu podia apostar que Stephanie e Juliano estavam empoleirados do outro lado da porta, fingindo trabalhar enquanto tentavam ouvir a conversa dentro do cubículo.

— O contrato? — perguntei, com um otimismo que beirava o ridículo. Tinha lido em um volume da seção de autoajuda que quando permanecíamos positivos diante de uma situação era muito mais fácil que os outros correspondessem às nossas expectativas.

Eu era uma funcionária temporária. No fim de novembro, tinha sido admitida como “colaboradora” — odiava essa palavra — para ajudar com as vendas de fim de ano. Permaneci por causa do período de volta às aulas, quando mães desesperadas e crianças com mãozinhas ávidas por arrancar páginas de romances do Mario Vargas Llosa corriam pela livraria desembestadas. Ao fim do expe-

diente, passávamos boa parte do tempo recolhendo os livros que haviam sido abandonados nos cantos da livraria por clientes que não tinham nada para fazer além de bagunçar nossa organização.

Mas meu contrato estava prestes a expirar. Eu nutria uma esperança inútil de que seria renovado. Era uma boa funcionária, vendia mais que a maioria dos livreiros ali, e meu único defeito era ler todos os livros jovens adultos que chegavam quando tinha um tempinho livre.

— Mais ou menos. Quer dizer, é sobre o contrato, mas... — Marlene parecia nervosa. Ela ajeitou os óculos, que haviam escorregado para a ponta do nariz de tucano, como fazia sempre que estava prestes a dar um sermão. Por reflexo, eu a imitei e ajeitei meus próprios óculos. Felizmente ela não percebeu, senão era capaz de achar que eu estava fazendo aquilo só para provocá-la. — Temos um pequeno problema.

Me ajeitei na cadeira, desconfortável, imaginando o que viria em seguida. Eu não chamaria aquilo de “pequeno problema”, estava mais para o nível “meteoro caindo na cabeça”. Uma bomba que explodiria a qualquer momento. Quase podia ouvir o tique-taque do cronômetro marcando meus últimos minutos como empregada.

— Problema? — perguntei, fingindo não entender direito o que ela dizia. — Alguma coisa com os meus documentos? Se precisar, trago os originais de novo.

Marlene também se acomodou melhor no assento. Talvez tivesse um coração. Ou não, como provou em seguida.

— Na verdade, querida, não temos como renovar seu contrato. Foi no “querida” que ela me quebrou. Odiava aquela palavra — era sempre condescendente e vinha acompanhada de algum comentário terrível.

— Como assim?

*Parabéns, Cecília, agora você só parece patética.*

—Você foi uma ótima adição ao time — ela disse, tratando os funcionários como uma família feliz —, mas infelizmente estamos atravessando um período de crise e não podemos manter você.

Ela continuou a falar, mas meu cérebro já havia desligado. Era meu primeiro emprego. Assim que saí da escola, a primeira coisa que fiz foi procurar trabalho. Precisava dele por uma centena de motivos, especialmente dinheiro, naquele momento ainda mais do que quando tinha entregado meu currículo. Mas ia me tornar apenas uma estatística, outra pessoa na fila do desemprego.

Marlene me brindou com um discurso de agradecimento, uma sequência de frases automáticas que provavelmente já havia repetido para outros “colaboradores” que deram o sangue tentando impressionar, mas foram chutados na primeira oportunidade. Eu só tentava não chorar de frustração.

Enquanto fingia escutar seu consolo vazio, pensava em como dar a notícia à minha mãe. Estávamos quebradas e qualquer centavo faria diferença. Eu sabia que ela não reagiria bem.

As palmas das minhas mãos suavam. Estava prestes a ter um colapso, mas por fora acenava repetidamente com a cabeça, com um sorriso alucinado no rosto.

— Tá. Tudo bem, tudo bem. Tuuuuudo bem — repetia sem parar.

*Cala a boca, Cecília*, pensei, mas era meio impossível ficar quieta estando tão nervosa.

—Você está bem?

— Estou ótima — falei. — Acho que vai ser ótimo. Maravilhoso mesmo. Quer dizer, preciso de novos horizontes. Me dedicar à faculdade. Comecei agora, sabe? A faculdade. Estudo desenho industrial. Muito bom, muito legal mesmo, tem menos desenho do que eu imaginei que teria, mas estou gostando.

Eu não conseguia parar de falar.

Em minha ansiedade eufórica, palavras sem nenhum significado se atropelavam.

Era óbvio que eu *não* estava bem. Como alguém na minha situação poderia estar?

— Hum, certo. Que bom. Enfim, você pode recolher suas coisas e... — Marlene explicou tudo o que eu precisava fazer para dar cabo à demissão. — Ah, e não precisa vir mais a partir de amanhã — ela completou, me dispensando com um aceno, sem o menor sinal de ressentimento.

Levantei, juntando o pouco de dignidade que me restava e pedindo licença para me retirar. Fui forte o bastante para abrir a porta do Calabouço de queixo erguido, sem derramar nenhuma lágrima.

Não queria falar com ninguém, mas quando coloquei os pés para fora, dei de cara com Juliano e Stephanie fingindo arrumar uma pilha de livros. Eles vieram em minha direção para saber o que a Maléfica queria.

— Me desejar feliz aniversário — respondi. Por que mentir? No dia seguinte eles descobririam a verdade de uma forma ou de outra. Mas sabia que não era capaz de lidar com solidariedade no momento. Mentir parecia bem mais fácil do que lidar com a dose de piedade com um toque de alívio de quem continuava empregado.

— Sério? — perguntou Juliano, erguendo a sobrancelha.

— Ela é muito estranha — disse Stephanie, enrolando um cacho de cabelo nos dedos. Balancei a cabeça em concordância, sem a menor ideia do que dizer em seguida.

— Vocês vão hoje à noite? — eu quis saber. Nunca fui de comemorar meu aniversário. Tinha sido ideia da minha melhor amiga. Depois de muita insistência da parte dela, acabei concordando, mas já estava arrependida, ainda mais depois da demissão.

— É claro — respondeu Juliano, animado. — Tá de pé. Adoro o Cuervo.

— Só depende da Maléfica liberar a gente na hora — resmungou Stephanie.

Uma cliente se aproximou e me pediu ajuda. Tinha uma lista enorme de romances que queria levar para casa: John Green, Jojo Moyes, Nicholas Sparks...

Stephanie e Juliano se dispersaram enquanto eu ia atrás de cada um dos livros nas mesas e prateleiras. Fiz a nota e a encaminhei até o caixa com um sorriso no rosto e um “volte sempre”, tentando não desmoronar.

Enquanto a moça passava o cartão, me perguntei se receberia comissão pela venda ou se ela iria para o bolso da gerente, considerando que já tinha sido oficialmente demitida.

A única coisa que eu podia fazer era pedir a Deus que o dinheiro viesse para mim. Porque eu estava completamente ferrada.

## 2

### CECÍLIA

HAVIA DUAS VERSÕES DE MIM MESMA. A que estava sentada em uma mesa de bar, com um sorriso artificial no rosto, e que todo mundo via. Mas a Cecília real estava escondida, enrolada em posição fetal, afogada em autocomiseração. Não havia espaço para ela entre meus amigos, que consideravam atingir a maioria uma das coisas mais importantes do universo.

Nunca entendi a fixação das pessoas por aniversários. Minha mãe não fazia estardalhaço nessas datas, então talvez viesse daí minha completa falta de interesse por ficar mais velha. Era só mais um dia no calendário.

Iasmin, por outro lado, sempre transformou seus aniversários em grandes acontecimentos. Ao contrário de mim, não conseguia compreender como alguém *não* se importava com eles.

— É tipo um feriado só para você — ela disse a todos na mesa. — Todo mundo é meio que obrigado a te tratar bem, todo mundo pensa em você, deseja coisas boas... Fora os presentes!

*Fala isso pra minha chefe*, pensei. Não tinha contado a ela da demissão. Decidi manter aquilo só para mim até encontrar uma saída.

Minha mãe tinha me desejado feliz aniversário pela manhã e só. Quando passei em casa para trocar de roupa, ela estava deitada no quarto, provavelmente chorando de saudades do Paulo, meu padrasto traidor. Patético.

— O que vamos comer? — Raquel perguntou, puxando o cardápio.

Iasmin o pegou da mão dela e abriu nas bebidas.

— Você quis dizer o que vamos beber, né? — Ela percorreu a lista de drinques com as unhas bem-feitas, pintadas de azul-cobalto.

— Quero uma coca — falei.

— Duas — disse Rachel.

— Três — completou Stephanie.

— Meu Deus, vocês são péssimas — Iasmin resmungou. — Nada de coca pra você, Cecília. Essa noite vai me acompanhar. Vamos começar com margaritas.

— Arrasou — disse Juliano, erguendo a mão direita para Iasmin bater. — Vou beber com vocês. Já estava achando que ia ficar sozinho nessa.

Revirei os olhos, contrariada.

— Não quero beber, Iasmin.

Minha cabeça já estava cheia o suficiente sem o efeito do álcool para complicar as coisas.

— Só se faz dezoito uma vez na vida — ela rebateu, com o pior argumento conhecido pela humanidade.

Era uma guerra perdida. Quando Iasmin se convencia de algo, não sossegava até que acontecesse. Concordei apenas para evitar a fadiga.

— Tá, mas só uma. Agora passa esse cardápio para cá que eu quero escolher o que comer. Ou vai regular isso também?

Iasmin mostrou a língua e me estendeu o cardápio. Puxei a cadeira para mais perto da cadeira de rodas de Rachel e analisamos as opções juntas.

Era engraçado ver Iasmin e Rachel na mesma mesa que Stephanie e Juliano, numa colisão de dois mundos distintos. Conheci as duas na escola. Eu era a garota esquisita que gostava de ler e

desenhar, filha de uma das “tias” da secretaria, bolsista em um colégio de classe média alta. Rachel tirava excelentes notas, era estudiosa e dedicada. Queria provar seu valor. Mas minha amizade com a Iasmin era uma incógnita, já que éramos muito diferentes. Era fácil entender por que me aproximei dela: todo mundo gostava da Iasmin, que era uma espécie de “espírito livre”, divertida e interessante, exatamente como eu gostaria de ser. Mas nunca entendi por que ela decidiu que era uma boa ideia virar minha amiga.

De qualquer modo, nosso trio funcionava. Eu sabia que se alguém se atrevesse a mexer comigo ou com a Rachel, Iasmin, que mantinha suas garras escondidas na maior parte do tempo, atacaria. Tinha sido assim durante toda a escola e provavelmente continuaria a ser para sempre.

Stephanie foi a primeira amiga que fiz fora da escola. Nossas ideias eram parecidas, assim como nossas origens. Talvez ela fosse a única coisa boa que eu levaria da *Papel & Letras*. E Juliano... Bem, eu gostava dele, mas era apenas um colega de trabalho que convidei para o meu aniversário porque não queria que se sentisse excluído. Não parecia que nossa relação ia sobreviver.

O garçom voltou com nossas bebidas. Ele colocou a taça de margarita à minha frente, a borda decorada com sal e uma rodela de limão. Iasmin ergueu o próprio drinque e propôs um brinde:

— À aniversariante!

Cinco copos tilintaram no ar. Tomei um gole e estranhei o sabor do álcool descendo pela garganta. Só tinha bebido por engano, quando era criança e pegara um copo de cerveja achando que era guaraná. Minha avó teve um treco.

— Vai com calma aí, madame, isso não é refrigerante — alertou Rachel, quando me viu tomar outro gole, distraída. Eu conhecia poucas pessoas tão cautelosas quanto ela.

Iasmin ergueu a mão para mim, em um *high five*. Quando a comida foi servida, ela pediu uma rodada de mojitos.

— Vamos ampliar seu repertório.

Quando a bebida chegou, pedi para Iasmin tirar uma foto minha. Não gostava de postar fotos, mas aquela ocasião merecia. Tirei uma sozinha e Stephanie convocou o garçom para fazer um registro em grupo. Todos agachamos perto da cadeira de Rachel e posamos. Publiquei as duas nas redes sociais.

— Só com álcool no sangue pra você postar mesmo — provocou Iasmin. Ela pegou o próprio celular para curtir as fotos e deu um gritinho: — Ai, meu Deus! O Otávio curtiu!

— Que Otávio? — perguntaram Stephanie e Juliano ao mesmo tempo.

— O crush da Iasmin — Rachel explicou, animadíssima. — Ele é uma gracinha. Estudou com a gente.

— Mostra foto! — pediu Stephanie, tentando se enturmar. Rachel pegou o próprio celular para procurar o perfil do menino. De repente, me lembrei de algo importante.

— Ele perguntou de você — contei a Iasmin.

— Hein? — Ela pareceu surpresa. — Como assim?! Quem?

— O Otávio. Cruzei com ele na faculdade esses dias. Também tá estudando na UFF. Perguntou como você tá, mandou um beijo e disse que tá com saudade.

— E você não fala nada? — Iasmin perguntou, exaltada.

— Desculpa, esqueci.

— Meu Deus, vou te demitir do cargo de melhor amiga. — Iasmin deu um longo gole na bebida, me lançando um olhar assassino.

Rachel mostrou a foto de Otávio para Stephanie e Juliano. Um assobio dos dois foi suficiente para dizer o que todo mundo pensava: ele era muito gato.

— Iasmin já ficou com ele — dedurou Rachel. — Seria um casal muito fofo, eu shippo.

— Pena que conseguir algo sério com ele é tipo ganhar na loteria — suspirou Iasmin, mas se recompôs logo em seguida. Pensei em dizer que era melhor esquecer aquilo, que ele era galinha e ponto, mas fiquei quieta. — Ai, enfim. Não quero falar do Otávio. Podemos mudar de assunto?

— Foi você que começou — falei, percebendo que já tinha bebido todo o mojito. Decidida a não me deixar sóbria, Iasmin chamou o garçom mais uma vez.

— Amigo, me vê dois shots de tequila?

— Assim a Cecília vai ficar tontinha — reclamou Rachel.

— É essa a intenção — ela disse, com uma risadinha. O garçom, que não conseguia tirar os olhos de Iasmin, não demorou muito a aparecer com uma garrafa de tequila, limão, sal e copos. Ela me entregou um limão e colocou um pouco de sal no dorso das nossas mãos. — Vou primeiro e você imita.

Observei atentamente o que ela fazia, segurando o copo do mesmo jeito. Estava animada, quase me esquecendo da demissão e dos inúmeros problemas em casa. Fazia tanto tempo que não ria com meus amigos e jogava conversa fora que nem lembrava como era bom.

— *Arriba, abajo, al centro y adentro* — ela cantou, acompanhada por Stephanie e Juliano.

Iasmin lambeu o sal, virou a bebida, chupou o limão e bateu o copo na mesa. Eu a imitei, com certeza sem parecer tão descolada. Quando meu copo bateu na mesa, todos bateram palmas e caíram na gargalhada.

Ri com eles, com vontade. Não sabia como, mas em algum momento algumas lágrimas se misturaram aos risos. Felizmente, ninguém percebeu. E eu virei mais um shot.